

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO CEL. FELICIO LIMA

pelo Cap. Dr. Carlos Sudá de Andrade

Abrem-se, de par em par, as portas do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, para receber festivamente, por entre as palmas da sua alegria, o seu novo titular, Cel. José Felício Monteiro Lima.

E a mim, coube a honrosa e grata incumbência de saudá-lo, dando-lhe as boas vindas em nome dêste Instituto, já uma vetusta tradição de cultura do Exército brasileiro.

A vida das academias é uma festa perene da inteligência e da emoção, tanto se confundem, no culto das artes, das letras e das ciências, aqueles que se irmanaram pelo ideal comum.

Esta solenidade é, pois, uma radiosa festa ática do espírito e do coração, recepcionando, com as matinas do seu alvoroço e da sua alegria, o companheiro solitário que andou, pelas estradas da vida, às mãos cheias, semeando os labores do seu espírito e as rosas perfumadas da sua clara inteligência.

Hoje, está entre nós, afinal, o peregrino infatigável, de ha muito, chamado pela voz instintiva do nosso coração, e de ha muito, esperado no nosso convívio fraterno.

O culto das letras históricas foi o leame comum que nos uniu e nêsse culto, êsse sagrado amor às cousas, aos homens, às tradições e ao porvir da nossa terra, tão grande quanto a sua singular civilização.

Porque, singular?

O Brasil é a herança histórica do jesuita e do bandeirante.

Um e outro plasmavam, pelos milagres da fé e da energia criadora e vitoriosa, o homem brasileiro, no seu clima moral, físico e psicológico propício.

Na selva americana, levando aos altiplanos centrais os bastiões das nossas fronteiras, tanto o bandeirante quanto o jesuita fôram moldando, paulatinamente, uma feição própria, personalíssima, do homem brasileiro, afeito ao arrôjo das iniciativas dramáticas, às vicissitudes do meio, porque

o conduziam a disciplina e o ardor de um sentimento religioso que não morre nunca; antes renasce sempre, nas horas da provação, do sacrifício e da desventura.

A cruz e a espada criaram, pois, o Brasil.

Completaram-se no seu destino predestinado e nos legaram êste espetáculo de unidade moral e geográfica que constitue, hoje, o nosso orgulho: — a nossa Pátria!

Assim é o nosso berço!

Natural que o homem brasileiro, psíquicamente seja sadio, com uma consciêncio intransigente de liberdade, de disciplina e de energia criadora, nunca desmentida.

A aventura bandeirante deu-lhe um domínio de posse, de superioridade, de altivez, de bravura, de galhardia e de fôrça. Mas, junto do bandeirante, o jesuita disciplinava-lhe os ímpetos e lhe corrigia os excessos, em nome da fé, impondo-lhe uma moralidade, uma austeridade, uma superioridade espiritual que marcaram, para sempre, a sua consciência, com os ditames das regras cristãs.

Audaz e livre, mas temeroso de Deus, assim se fez o homem do qual herdamos essas virtudes cardeaias que constituem o nosso carater coletivo.

A aventura do grupo social brasileiro, na sua marcha evolutiva, é sempre, a história dessa herança feiticeira que o conduz, na verdade, para os mais altos destinos.

Nem a cruz nem a espada lateralisaram, entretanto, o seu carater. Antes, constituíram um binomio de fôrça, de equilíbrio, do qual surgiram, como o genio da arça, esse insofrido desejo de viver, essa tenacidade, essa consciência de si mesmo refletidas nas realizações maravilhosas do povo brasileiro.

E mercê delas, o homem se fez tão grande quanto a terra que habita; grande pela sua inteligência, o seu trabalho, as suas virtudes, a sua história, e pelas afirmativas do seu espírito criador e de dignidade humana, nunca desmentidas, na rotina da paz ou na moldura rubra da guerra!

Uma civilização singular, sob o trópico, resolvendo, desde as suas origens, pelas mais estranhas miscigenisações étnicas e sociais, todos os problemas básicos da nacionalidade, que nasceu, assim, quasi de improviso, como uma flô morena, do beijo livre e ardente de três raças que se encontraram, sob o Cruzeiro do Sul, numa encruzilhada do Destino!

Senhores!

A história não é uma arte, nem uma ciência; antes seria uma filosofia na qual o homem avisado vai buscar o estendal do exemplo.

Porque não é uma arte, não ha cânones de ética e de estética na vida dos povos. Porque não é ciência, falham sempre, os azedores de teorias e de sistemas, os fascinantes construtores de princípios históricos que não se repetem nunca, como nas leis da matemática...

Crónica dos anceios do homem, nessa aloucada voragem dos instintos que é tôda a sua vida, a História é uma longa e dolorosa saga do espírito e do coração da humanidade.

Não ha porque interpretá-la ou reduzí-la a teoremas frios de metodologia!

Sentí-la, como si sente a carne palpitante; como se sente a fragância da flôr sem lhe ver as nervuras das pétalas e sentí-la como se sente os fluídos do espírito, é a tarefa daqueles que a estudam e a vivem, mil anos atraz, pelo poder milagroso da inteligência. E porque a sentem, a reproduzem no colorido das vizões, um tanto, é certo, deformadas pela fantasia e pela lenda !

Mas êsses privilegiados garimpeiros da História, de segredos adormecidos, de sonhos desfeitos, de glórias mortas, de martírios esquecidos, não são nem um poeta, nem um sábio; serão sempre um filósofo, quasi um monge, às vezes, um santo, tanto êles compreendem que devem entrar de alma genuflexa na grande seára de Deus que é o Passado.

E' por isso que os historiadores são homens austéros e os seus sodalícios, verdadeiros tabernáculos onde a cultura e a virtude andam juntas como irmãs gêmeas e inseparáveis? !... Casualidade! Determinismo!...

O novo titular dêste Instituto tem estas duas graças eleitas.

Sua vida de soldado é exemplar. Sua conduta de cidadão, um espêlho de atitudes sem jaça. Ainda, aluno da Escola Militar, se revela o carater adamantino que é o traço marcante da sua personalidade. Um fáto o ilustra. Acha-se, certo disso em 1901, no serviço de Estado-Maior, na Escola Militar do Realengo, um oficial aluno, alferes de Cavalaria cujo nome eu omito.

Não era bemquisto pelos seus colegas praças de prét, pela maneira pouco delicada com que os tratava quando exercia aquelas funções.

Na parada regimental, estende em linha a 1.^a Cia. na formação de descansar. Dirige-se ao cadete Joaquim José de Andrade Filho e o adverte em termos desabridos. Com o desassombro que lhe conhecêra sempre e do qual sempre me ufanarei, do cadete Andrade (meu saudoso e querido Pai) repele a grosseira reprimenda.

Nêste momento, chega o capitão Superior de dia que, reconhecendo o arbítrio do alferes, assume o comando da força, dando assim por encerrado o incidente.

Após a parada, quando os alunos estavam formados em frente aos seus respectivos alojamentos, aproxima-se o alferes e se dirige ao cadete Andrade, de modo agressivo.

Êste defendendo-se, toma-lhe a espada desembainhada e a quebra. Trava-se uma terrível luta corporal.

Alguns oficiais correm a socorrer o Alferes, subjugado, impotente. A Cia., vendo o cadete já quasi cercado por um numeroso grupo de oficiais, revolta-se. Tumulto! Confusão! O cadete José Felício Monteiro Lima que não comparecera à parada, por motivo justificado, e não presenciara ao conflito, no inquérito instalado depois, se declara inteiramente solidário aos seus colegas e camaradas.

Como êles, fora também desligado, contra a vontade do Comandante da Escola que procurava, por todos os meios, demovê-lo da sua digna e rara atitude, pois se achava no ultimo ano e ja com os graus necessários para ingressar na Escola Militar do Brasil, na Praia Vermelha.

Mas o cadete Felício considerara o caso uma questão de honra, acompanhando, na desventura, o seu dileto amigo, cadete Joaquim José, e demais companheiros, vítimas, sem dúvida, de uma cruel armadilha do destino!

Sempre igual a si mesmo, Felício Monteiro Lima chega ao coronelato, fazendo da sua vida militar, um livro aberto onde não ha uma macula, um deslize, um gesto, uma palavra que desdoirem aquela candente diretriz de honra do cadete do Realengo!

Mas não são sòmente as virtudes de soldado e de cidadão que exaltam a sua personalidade de sertanejo do Ceará, — filho daquelas terras feridas pelo Sol, sob cuja luz dardejante se abrem em súplica, nos longos estios, como braços extranhos, medonhos, as galhadas cinzentas das arvores desfolhadas!

Daquelas terras queridas e sofredoras que, também, são minhas e para cuja existência intemerata, a velha fraze de Anthonyl no seu precioso livro "Cultura e opulência do Brasil", de 1711; fraze recentemente reproduzida por Churchill, constitue, na verdade, uma síntese candente e verdadeira: — sangue, suor e lágrimas!

Felício Lima é, também, aquele investigador da História, aquele monge dos santuários do Passado, que enriquece, já agora, com as suas pesquisas, os seus estudos de sociologia,

de crítica, de cronologia, de brasilidade sábia, os foros de cultura do nosso Instituto.

E', ainda, o articulista vibrante e sincero, sempre perdulário do seu talento e da sua bondade, nessas pequeninas hóstias do espírito que são as crônicas diárias do jornal. Succede, nesta Casa, a Luiz Lobo, na cadeira patrocinada pelo General Andréa, — Barão de caçapava.

E a Luiz Lobo, succede, igualmente, no posto de 1.º secretário e naquêlê fervoroso desvêlo, naquêla unção com que tratava, sempre, da História Pátria.

Compreende e sente, como Luiz Lobo, que não fôram Socrates, Aristoteles e Praxitelles que estabeleceram os cânones universáis do raciocínio e da beleza. Compreende e sente que o homem, eterno jogral do sentimento e do instinto, vive rezando as ladainhas da dôr, neste drama sem fim que é a História da civilização! Por isso o homem sofreu, amou, criou!

E', dentro de cada homem, nos seus psalmos interiores de mágua e de ventura que germinam e sazonom as idéas, que conduzem a humanidade.

Por isso, estudar o homem entre os homens, tem sido a senha das suas peregrinações históricas, tal como Luiz Lobo que antes de tudo, foi um puro e sincero humanista, cheio daquela brandura, daquela gentileza, daquela simplicidade, sòmente vistas nas almas eleitas.

Um dia, numa Revista Militar de Pôrto Alegre, receberam os seus redatores, oficiais do Exército, um artigo assinado por um modesto e anônimo sargento-ajudante. A ética da época proíbia, terminantemente que praças de prèt colaborassem de qualquer modo, no círculo dos oficiais. Mas o artigo do sargento era notável.

Falava da Cisplastina, investigando aquela renda guerreira das "califórnias" do Sul. Quem ousaria, entretanto, ferir o tabú da ética militar?

O 2.º tenente Felício Monteiro Lima, se apaixonou pela idéia de fazê-lo, empolgado pela inteligência daquele modesto sargento a quem sequer conhecia. E ousadamente procura o Capitão Enéas Pires, redator-chefe, alma da Revista, para demovê-lo do seu propósito, aliás, apenas firmado, por uma questão fechada de praxe.

Tanto foi o calor da sua defeza expontanea que consegue a adesão do capitão Enéas Pires. Houve polêmica, discussão, choque de pontos de vista entre todos os redatores. Afinal, o diretor, Cel. Acácio Leraud decide, ferindo fundo a

ética da época, publicar o artigo do sargento desconhecido que nunca imaginou pudesse o seu trabalho inicial provocar, entre os seus superiores, tão vivos debates. Foi um escândalo, mas também, foi uma revelação!

Sabeis quem era aquele sargento-ajudante?

— Era o futuro general Souza Docca, o nosso presidente, roubado recentemente ao nosso convívio pela Morte inexorável; o grande escritor da Cisplatina; o gentilhomen da pena e da espada, de quem Castro Alves poderia ter dito:

“Nem cora o livro de hobrear co’o sabre
Nem cora o sabre de chamá-lo irmão”.

